

CHRISTOPHER LASCELLES

UMA BREVE HISTÓRIA
DO MUNDO

Tradução de
Paulo Emílio Pires

alma
dos
livros

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt

A SHORT HISTORY OF THE WORLD © Christopher Lascelles 2014

© 2018

Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Título: *Uma Breve História do Mundo*

Título original: *A Short History of the World*

Autor: Christopher Lascelles

Tradução: Paulo Emílio Pires

Revisão: Filipe Cortiço

Paginação: Gráfica 99

Capa: Vera Braga/Alma dos Livros

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-8907-35-6

Depósito legal: 442 434/18

1.ª edição: julho de 2018

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

ÍNDICE

Lista de Mapas	9
Prefácio	11
I. Pré-história	15
II. A Antiguidade	23
III. Alta Idade Média	67
IV. Baixa Idade Média	87
V. A Ascensão do Ocidente	109
VI. A Era Moderna	165
VII. O Século XX	203
O Que se Segue?	249
Recomendações de Leitura	251
Informação Adicional	253

LISTA DE MAPAS

1. Migração do <i>Homo sapiens</i>	19
2. O Crescente Fértil	25
3. Civilizações dos Grandes Rios	28
4. Os Povos do Mar (c. 1200 a. C.)	31
5. Israel, Judá e Filisteia (c. 900 a. C.)	33
6. Rotas Comerciais Fenícias (c. 600 a. C.)	35
7. O Império Assírio (c. 700 a. C.)	37
8. O Império Persa Aqueménida (c. 500 a. C.)	39
9. A Grécia Antiga (c. 450 a. C.)	41
10. O Império de Alexandre e os Reinos dos Sucessores (c. 280 a. C.)	47
11. O Império Cartaginês (Século III a. C.)	51
12. O Império Romano (c. 117)	56
13. Migrações Bárbaras (376-476)	62
14. O Império Bizantino (c. 565)	69
15. O Império Islâmico Abássida (c. 750)	77
16. O Império Franco de Carlos Magno (c. 800)	80
17. O Sacro Império Romano-Germânico (c. 1250)	81
18. Invasões Víquingues (Séculos VIII-XII)	83
19. A Primeira Cruzada (1096-1099)	91

20. Invasões e Impérios Mongóis (Século XIII)	96
21. As Ilhas das Especiarias	113
22. O Comércio no Oceano Índico (Século XV)	118
23. O Tratado de Tordesilhas (1494)	120
24. Rotas dos Exploradores (1487-1497)	123
25. A Casa de Habsburgo (c. 1516)	128
26. Os Impérios Asteca e Inca (c. 1515)	130
27. O Império Otomano (c. 1670)	132
28. As Rotas do Comércio Triangular	145
29. A Expansão da Rússia (1462-1796)	154
30. Territórios Britânicos na América (1750 e 1763)	157
31. Independência na América do Sul	178
32. A Guerra Civil Americana (1861-1865)	189
33. A Expansão dos Estados Unidos (1783-1867)	192
34. A Colonização de África (1914)	197
35. Expansionismo Japonês (1931-1945)	221
36. O Mundo Comunista (1917-1991)	236

Mapas criados por ML Design

PREFÁCIO

A história tende a ser ensinada em moldes episódicos e fragmentários, deixando nos alunos uma ignorância perpétua quanto à forma como cada parte se relaciona com o todo. Ficamos a conhecer o Grande Incêndio de Londres, Cristóvão Colombo e a Segunda Guerra Mundial, mas raramente nos é dada uma imagem coerente de como tudo se encaixa.

Lembro-me de, ainda rapazinho, tomar a decisão de deixar de estudar história, desencorajado pela fraca qualidade do ensino e pela proliferação de datas que não tinha qualquer esperança de alguma vez recordar. Também me sentia frustrado por ser incapaz de visualizar onde ficavam todos aqueles lugares; Napoleão bem podia ter sido derrotado em Waterloo, mas onde diabo ficava Waterloo?

Aqueles que gostariam de ter um melhor conhecimento genérico da história mundial veem-se muitas vezes limitados pela falta de tempo e enredados numa sobrecarga de informação. A verdade é que nem toda a gente tem o tempo, ou a concentração, para ler um longo volume de história.

Este livro é uma resposta a todos esses problemas. O seu objetivo é oferecer uma visão de conjunto breve e concisa, mas nem por isso menos abrangente, dos principais acontecimentos e desenvolvimentos da história da humanidade, de uma forma que, espero, seja ao mesmo tempo informativa e cativante. A inclusão de 36 mapas originais deverá permitir aos leitores visualizar onde os acontecimentos tiveram lugar e como se relacionam uns com os outros.

Não me proponho acrescentar perspetivas inovadoras nem desvendar novas informações; há muitos historiadores bem mais qualificados para o fazer. Tenciono apenas condensar a visão dominante e geralmente aceite num todo linear e simplificado. Embora cada país, cada figura central, cada movimento e cada descoberta sejam merecedores de um volume próprio – ou mesmo de uma biblioteca própria –, foi intencionalmente que mantive este livro tão sucinto quanto possível, de forma a tornar a informação acessível ao mais vasto leque de pessoas.

Espero que o apreciem e que possa preencher as lacunas.

Christopher Lascelles
Londres, 2012

*Para Susie Arnott, Adrian Bignell,
James Cranmer e Bart Kuyper, por tornarem este livro possível,
e para a minha mulher, Ewa, por ser tão paciente.*

I

PRÉ-HISTÓRIA (Big Bang-3500 a. C.)

O Início

Existe um consenso generalizado entre os membros da comunidade científica de que o universo em que vivemos teve origem numa explosão cataclísmica, ou Big Bang, ocorrida há 13,7 mil milhões de anos. Nos milhares de milhões de anos que se seguiram, as massas revolteantes de matéria e energia geradas por este Big Bang foram sendo agregadas por forças eletrostáticas, formando galáxias, estrelas e planetas, incluindo o planeta em que vivemos.

As distâncias entre galáxias são assombrosas. A Terra é um pequeno planeta de uma galáxia a que chamamos Via Láctea. Ninguém sabe ao certo quantas estrelas existem na Via Láctea, mas as estimativas vão de 100 a 400 mil milhões. Como se não bastasse, acredita-se que existam pelo menos 100 mil milhões de outras galáxias no universo conhecido. São muitas estrelas, e uma quantidade incrível de espaço, para mais tendo em conta que a distância média entre duas estrelas é de aproximadamente 48 biliões de quilómetros.

Há cerca de 4,5 mil milhões de anos, uma vasta nuvem de matéria sólida e gasosa agregou-se e deu origem ao planeta Terra. Passadas algumas centenas de milhões de anos, um enorme objeto, talvez mesmo um planeta, terá colidido com a Terra e libertado

matéria suficiente para formar uma massa satélite que passou a constituir a nossa Lua. Depois deste acontecimento, literalmente cataclísmico, a Terra levou milhões de anos a arrefecer.

É possível que um bombardeamento de meteoros tenha trazido água para a Terra sob a forma de gelo. À medida que a crosta terrestre arrefecia, o vapor de água expelido pelos vulcões condensou-se e acumulou-se sob a forma de oceanos, com a recém-formada atmosfera a impedir a chuva de se evaporar da abrasadora superfície do planeta.

Vida

Há aproximadamente 3,5 mil milhões de anos, quando a superfície terrestre era ainda um lugar hostil dominado por vulcões, surgiram, nas profundezas destes novos oceanos, organismos unicelulares microscópicos formados por moléculas orgânicas complexas. Durante os três mil milhões de anos seguintes, estes organismos constituíram as formas mais avançadas de vida no planeta, até que, subitamente (em termos relativos), num período de escassos milhões de anos, algumas bactérias marinhas começaram a processar dióxido de carbono, água e luz solar para produzir oxigénio. Isto ajudou os micróbios unicelulares dos oceanos a começarem a unir-se uns aos outros e a criar organismos multicelulares que viriam a transformar-se em animais.

Esses animais começaram a reproduzir-se, a evoluir e, por fim, quando passou a haver oxigénio suficiente na atmosfera para os proteger da radiação solar, a rastejar para terra. Anfíbios, insetos, répteis, mamíferos e aves, todos eles foram chegando a terra, mais ou menos por esta ordem, ao longo das centenas de milhões de anos que se seguiram. Pelo menos é essa a versão habitualmente aceite dos acontecimentos, embora os criacionistas ridicularizem esta teoria argumentando que não é possível um sapo transformar-se num ser humano, independentemente do horizonte temporal.

Uma vez iniciada, a vida assumiu muitas formas diferentes, a maior parte das quais nunca conheceremos, pois os geólogos

identificam pelo menos cinco momentos na história do nosso planeta em que a vida foi destruída, de forma brusca e abrangente, com extinções em massa. Não fazemos ideia do que terá desencadeado essas extinções; as sugestões têm variado de impactos de meteoros a erupções solares e convulsões vulcânicas, que podem ter causado um aquecimento ou um arrefecimento global súbitos, alterações do nível do mar ou epidemias.

As duas maiores extinções foram a Grande Extinção do Pérmico e a Extinção K-T.¹ A Grande Extinção do Pérmico de há 250 milhões de anos dizimou cerca de 96% das espécies então existentes devido a uma diminuição drástica dos níveis de oxigênio. A Extinção K-T de há 65 milhões de anos levou ao desaparecimento dos dinossauros, que já habitavam o nosso planeta há quase 150 milhões de anos.

Isto vem colocar em perspectiva os seis ou sete mil anos decorridos desde o aparecimento das primeiras civilizações humanas dignas desse nome. Dada a relação entre o período de tempo da nossa existência e os primórdios do nosso planeta, não é descabido pensar que também a vida humana se extinguirá – e talvez bem mais cedo do que pensamos –, por uma das razões referidas ou por qualquer outra.

O Aparecimento do Homem e a Exploração da Terra

A partir dos escassos indícios de que dispomos,² é geralmente entendido que primatas semelhantes aos macacos terão surgido pela primeira vez nas florestas da África oriental há aproximadamente 20-30 milhões de anos. É possível que uma alteração climática tenha destruído o seu *habitat* natural, obrigando-os a deslocar-se para a savana, onde desenvolveram a capacidade de se pôr de pé para detetar a aproximação de predadores. A vantagem

¹ K-T significa Cretácico-Terciário, ambos nomes de períodos geológicos.

² Os escassos indícios de que dispomos sobre a evolução do homem centram-se num número muito limitado de fragmentos de crânios e de esqueletos encontrados em diferentes partes do mundo.

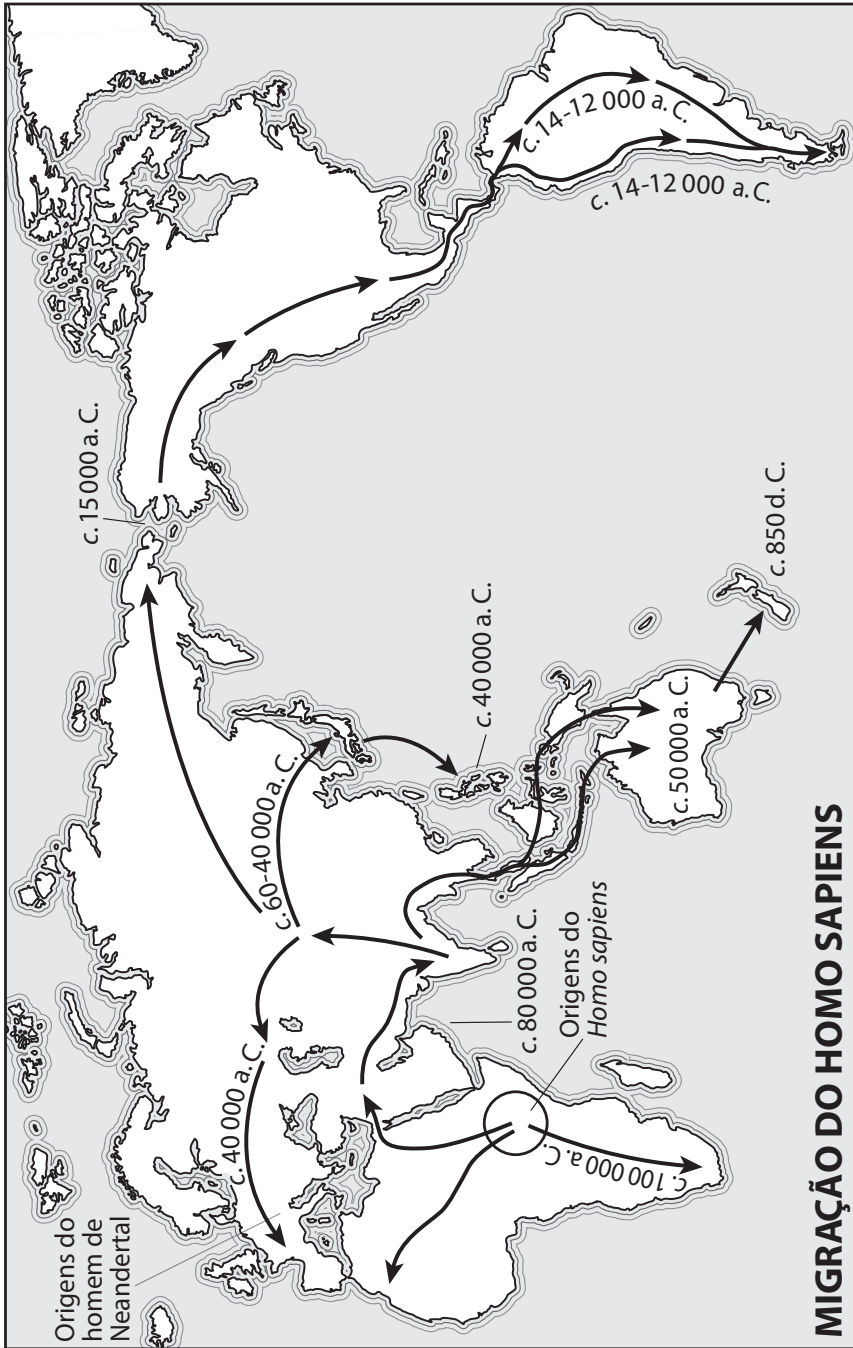
de caminhar sobre as duas pernas permitiu-lhes ficar com as mãos livres para transportar alimentos e crias, facto que terá sido preponderante para o sucesso da sua evolução.

Há dois milhões e meio de anos, uma espécie destes primatas começou a usar ferramentas, conforme evidenciam os materiais encontrados com os seus restos mortais. Em resultado disso, a espécie foi denominada *Homo habilis*, ou «homem habilidoso», e é convicção generalizada que se trata do primeiro antepassado direto do *Homo sapiens*, o ser humano moderno. *Homo ergaster*, *Homo erectus*, *Homo heidelbergensis* e o mais conhecido *Homo neanderthalensis*, ou homem de Neandertal, são categorias de hominídeos usadas para descrever e denominar fósseis de anteriores parentes nossos que se acredita terem vivido entre o *Homo habilis* e os dias de hoje, desenvolvendo cada uma delas, ao longo do tempo, uma maior capacidade craniana.

Os vestígios fósseis descobertos até à data sugerem que, há cerca de um milhão de anos, o *Homo erectus* (homem ereto), o nosso primeiro antepassado a locomover-se realmente na vertical, se terá espalhado pelo mundo a partir da África oriental.³ Seguem-se duas correntes de pensamento: uma é a Teoria da Evolução Multirregional, que afirma que daí em diante os seres humanos evoluíram de forma separada independentemente dos locais onde se fixaram; a outra, e geralmente a mais aceite, é que houve um segundo grande movimento migratório⁴ do *Homo sapiens* (homem sábio), uma vez mais a partir de África, iniciado há aproximadamente 60 000-80 000 anos – muito provavelmente ao longo das mesmas rotas dos movimentos migratórios anteriores –, com o *Homo sapiens* a substituir gradualmente todos os outros tipos de hominídeos. Os pressupostos da «Teoria da Eva Negra» assentam em investigação que reconduziu as nossas raízes a um antepassado africano comum através do estudo das diferenças nos códigos genéticos dos seres humanos que habitam hoje o planeta.

³ É a chamada «Teoria da Eva Negra».

⁴ Com toda a probabilidade, terá havido outras migrações entre estas duas.



Embora o *Homo sapiens* e o homem de Neandertal tenham tido origem em diferentes partes do mundo,⁵ estiveram ainda assim em contacto. Ainda hoje se discute a proximidade que terá existido entre as duas espécies, e se se terão reproduzido entre si.⁶ Seja como for, existem fortes indícios que sugerem que o Neandertal aprendeu a caçar em grupos coordenados, a usar ferramentas e fogo e mesmo a enterrar os seus mortos. A descoberta do fogo foi muito importante, pois permitiu ao homem primitivo cozinhar os alimentos, tornando-os dessa forma mais digeríveis e aumentando o número de fontes alimentares ao seu dispor, o que terá contribuído de forma considerável para a evolução do ser humano.

A partir de cerca de 30 000 a. C. – com poucas exceções –, os vestígios do Neandertal desaparecem e aumentam consideravelmente os indícios da presença do *Homo sapiens*. Isto pode ter sido provocado pelos mais variados fatores, desde a possibilidade de o *Homo sapiens* ter suplantado e exterminado o Neandertal, ao surgimento de uma doença a que estes não fossem imunes, a uma alteração climática a que não tenham conseguido fazer frente ou a uma multiplicidade de outros motivos sobre os quais podemos apenas especular, dada a falta de indícios conclusivos. Aquilo que sabemos é que desta altura em diante se assistiu ao domínio absoluto do *Homo sapiens*, já que até hoje não foram descobertos fósseis de qualquer outro hominídeo datados de antes de 30 000 a. C., mais milénio menos milénio.

Não sabemos se as causas das migrações humanas foram a competição pelos recursos disponíveis, as alterações climáticas ou apenas o desejo de explorar novos territórios. Independentemente dos motivos, a opinião generalizada é que a Austrália foi atingida há cerca de 50 000 anos e que, por volta de 15 000 a. C., o *Homo sapiens* atravessou para o atual Alasca cruzando o que é hoje o estreito de Bering, então terra seca ou congelada. De seguida, em poucos milhares de anos, chegou ao extremo meridional da América do Sul e, exceção feita a algumas ilhas do Pacífico, por esta altura quase todo

⁵ O homem de Neandertal teve origem na Europa, enquanto o *Homo sapiens* teve origem em África.

⁶ Temos 99,5% de ADN em comum com o homem de Neandertal.

o planeta estava colonizado pelo ser humano.⁷ Daí em diante, e apesar de uma breve visita dos Víquingues por volta de 1000 a. C., a vida nas Américas iria desenvolver-se em completo isolamento do resto do mundo até ao início da colonização europeia, em 1492.

Da Caça e Recoleção à Agricultura

A princípio, o ser humano levava uma existência nómada de «caçador-recolector», deslocando-se de região em região, caçando animais e comendo quaisquer alimentos digeríveis que conseguisse encontrar, como plantas, bagas e frutos. Até que, a dada altura, começou a regressar todos os anos aos lugares mais férteis. Há cerca de 10 000 anos, terá aprendido a cultivar a terra, descoberta que lhe permitiu passar da caça e recoleção à agricultura, e que teve um impacto tão significativo no posterior desenvolvimento da humanidade que recebeu o nome de «Revolução Neolítica».⁸

Assim que as pessoas começaram a viver perto umas das outras, o aumento das comunicações levou a uma maior cooperação e à troca de conhecimentos. Contudo, foi a maior quantidade de alimentos disponíveis que se revelou fundamental para a forma como a humanidade evoluiu: mais alimentos levaram a mais pessoas, e mais pessoas levaram a mais povoações. A capacidade de produzir e armazenar géneros alimentares também significou que, a partir de certa altura, as sociedades começaram a poder sustentar indivíduos não dedicados à produção de alimentos, como artesãos, sacerdotes, burocratas e soldados, bem como líderes políticos.

Embora as culturas agrícolas tenham ajudado a produzir fios e tecidos para o fabrico de vestuário, as roupas provinham sobretudo das peles de animais como ovelhas, cabras e porcos, que a humanidade foi aos poucos domesticando. E esses animais viriam a revelar-se úteis em muitos outros aspetos: o seu estrume ajudou

⁷ A história da Terra tem sido caracterizada por uma sucessão de longas eras glaciares. É possível que, pouco antes do início da última era glacial, por volta de 12 000 a. C., o estreito de Bering estivesse congelado, permitindo assim ao homem fazer a viagem entre os dois continentes.

⁸ Neolítico significa «Nova Idade da Pedra».

a aumentar a produtividade das colheitas, e os próprios animais, ao puxarem os arados, permitiram o cultivo de maiores extensões de terra.

Gerou-se um círculo produtivo virtuoso, mas a vida comunitária em habitações permanentes acarretava um lado negativo: significava que o homem vivia agora perto dos seus detritos e excrementos, o que não era compatível com a higiene num tempo em que a humanidade não só não entendia os benefícios da limpeza como desconhecia a existência dos germes. Viver em espaços confinados juntamente com o gado também significava que as doenças desenvolvidas pelos animais, e para as quais o ser humano não tinha imunidade, podiam transmitir-se ao homem e infetá-lo. Crê-se que todos os maiores assassinos da humanidade ao longo dos séculos – a varíola, a gripe, a tuberculose, a malária, o sarampo, a peste, a cólera e a sida – se terão desenvolvido originalmente em animais e transferido depois para os seres humanos através de pulgas ou outros transmissores.

Passando adiante por instantes, a Peste Negra do século XIV, a aniquilação das populações nativas americanas no tempo de Colombo e a gripe espanhola de 1918, que terá matado cerca de 20 milhões de pessoas – além de outras pragas ocorridas ao longo dos séculos –, podem ter surgido todas desta forma. O século XXI não é exceção, com a peste suína e a gripe aviária a servirem de cruéis lembranças de que criar animais em espaços confinados – e de forma desumana – pode ainda hoje virar-se contra nós.

II

A ANTIGUIDADE

(3500 a. C.-500 d. C.)

As Primeiras Civilizações

Os vestígios mais antigos até hoje encontrados da existência de sociedades complexas provêm da Mesopotâmia – atuais Iraque e Síria –, por volta de 3500 a. C. Os invernos amenos e húmidos e os longos verões quentes e secos característicos da região eram ideais para a produção agrícola, tendo sido aqui que as plantas foram pela primeira vez domesticadas. Também importante foi o facto de a região se situar entre dois grandes rios – o Tigre e o Eufrates –, que proporcionavam acesso fácil à água e, por conseguinte, à irrigação.¹ Observada num mapa, a zona tem a forma de um crescente, e foi por este motivo, aliado à fertilidade das terras, que recebeu o nome de «Crescente Fértil».

A Mesopotâmia estava posicionada na interseção entre a África, a Europa e a Ásia, uma localização que propiciava o encontro entre diferentes povos, a troca de mercadorias e a partilha de ideias. Além disso, era uma região com poucas fronteiras naturais, o que a tornava difícil de defender. Como consequência, a sua história entre 3500 a. C. e 400 a. C. é de ascensão e queda de diferentes reinos e contínuas disputas territoriais. Mas as frequentes mudanças de poder ao longo do tempo e uma escassez generalizada de informação

¹ A palavra «Mesopotâmia» provém do grego *mesos* (meio) e *potamos* (rio), ou seja, terra entre os rios.

relativa a este período fazem com que essa história nem sempre seja fácil de seguir.

Uma das primeiras civilizações do mundo – a civilização suméria – dominou o sul da Mesopotâmia entre aproximadamente 3300 a. C. e 2000 a. C. É convicção generalizada que os Sumérios foram o primeiro povo a fundar verdadeiras cidades, com populações que chegariam aos 50 000 habitantes. A principal cidade suméria, Uruk, pode bem ter sido em tempos a maior cidade do mundo, e alguns dos templos desse período perduram ainda hoje no atual Iraque. É igualmente da Suméria que nos chega o exemplo mais antigo de um dos mais importantes desenvolvimentos da humanidade: a escrita, sob a forma de pictogramas, usada pelos responsáveis dos templos para registrar informação elementar sobre colheitas e impostos. Exceção feita àquilo que a arqueologia e a geologia nos permitem inferir sobre a história mundial, sabemos muito pouco sobre o que realmente aconteceu até ao aparecimento da escrita, que funciona como uma linha divisória entre a pré-história e a história.

O Antigo Egito: Terra dos Faraós (3100 a. C.)

Pela mesma altura, outra civilização despontava no Egito, junto às margens do Nilo, um rio cujas cheias anuais forneciam a água tão necessária à irrigação das colheitas. A fertilidade dos solos junto ao Nilo contribuiu de forma significativa para o aumento do poder dos Egípcios, já que lhes permitiu enriquecer com o fornecimento de géneros alimentícios a outras regiões do Mediterrâneo e do Médio Oriente. O deserto funcionava como barreira defensiva, e a ausência de invasores assegurava a estabilidade do território.

Cerca de 3100 a. C., a amálgama de reinos diferentes da região foi unificada por um poderoso rei, ou faraó, chamado Menés, que edificou a capital, Mênfis, a partir da qual as dinastias egípcias governaram durante o milénio seguinte. O Egito tornou-se o maior reino do mundo, com um milhão de súbditos governados por cerca

